

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
NO CENTENÁRIO DE NANOOK OF THE NORTH  
11 de junho de 2022**

**A BOATLOAD OF WILD IRISHMEN / 2010**

*de Mac Dara Ó'Curraidhín*

*Realização e Produção: Mac Dara Ó'Curraidhín / Argumento: Brian Winston / Montagem: Chris Hainstock, Mikey Flaherty / Direção de Fotografia: Alan Wilson, Andy Lee, Chuck Fishbein, Ronán Fox, Warwick Wrigley / Assistência de Produção: Kay Marriott / Produção Associada: Brian Winston, Brian Deptford / Produção Executiva: Alan Mahler, Michéal Ó Meallaigh, Suzanne Alizart / Música: Steve McGrath / Animação: Steve Hatton & Neil Baker / Som: arion Doerr, Chris Baker, Michael O'Donoghue, Nick Treacy, Richard Coles e Ciaran Mulligan (engenheiro de som) / Participações: Richard Leacock, Martha Flaherty, Joseph Boudreaux, Colman "Tiger" King, George Stoney, Séan Crosson, Jay Ruby, Deirdre Ní Chonghaile / Cópia: Blu-ray, a cores e a preto e branco, falado em inglês com legendas eletrónicas em português / Duração: 84 minutos / Estreia Mundial: 7 de julho de 2010, Galway Film Fleadh / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com apresentação e debate com José Manuel Costa.

\*\*\*

A primeira coisa que talvez se deva dizer, no âmbito desta sessão dedicada ao centenário de **Nanook of the North** (1922), o documentário que simultaneamente lançou o "género" documental e abriu o seu debate por vezes tão empolgante quanto, no limite, autodestrutivo, é que não abundam "retratos" filmados com o grau de informação ou a condensação crítica oferecida por este **A Boatload of Wild Irishmen**. Não sendo o filme ideal para celebrar uma obra desta dimensão e profundidade, título verdadeiramente incontornável para se pensar o cinema como máquina de (re)configuração da realidade, trata-se de um "filme de apoio" – ao dia de hoje, talvez o melhor – que se propõe sumarizar os principais pontos vertidos e controvertidos na "casa do cinema" de Robert e Frances Flaherty – Robert fez os filmes, Frances, a sua mulher, pensou-os, deu-os a pensar e abriu caminho para uma verdadeira escola crítica que, hoje em dia, se arrisca a ser um ouroboro, a serpente consumindo a sua cauda.

Foi Frances quem, em 1954, fundou aquele que é um dos mais antigos e prestigiados fóruns para se exhibir e pensar o cinema documental ou de não-ficção, nos Estados Unidos. Em 2016, o "The Flaherty" contou com uma programação da autoria de Nuno Lisboa, codirector do português Doc's Kingdom, especialíssimo ecossistema cinéfilo enformado pelo pensamento de José Manuel Costa e, outrossim, de Frances Flaherty, este último assentando numa abordagem sem preconceitos, tanto do cinema como da vida. Recentemente, do logotipo do The Flaherty foi removida a imagem de Nanook, ou melhor, de Allakariallak empunhando o arpão, no que é um dos mais atuais desenvolvimentos do debate em torno das chamadas "falsidades de Robert Flaherty".

Muito se tem escrito sobre o aspeto “manipulado” ou construído das histórias que Flaherty contou em colaboração com (mas nem sempre protegendo, alega-se) os seus assuntos (*sujets*), nomeadamente o povo inuíte em **Nanook of the North**, mas também a comunidade que habita uma das ilhas de Aran, retratada em **Man of Aran** (1934). O documentário, dentro do modelo *talking heads*, inclui diferentes olhares sobre o método e a própria ética flahertiana, expondo “o problema” da separação entre a ficção e o documentário – servindo a criação ficcional de contraprova da vendida, pela *tagline* presente no velhinho cartaz da Pathé, “*truest* story of the Great White Snows – ou entre a liberdade poética e o rigor etnográfico – as imagens são enaltecidas pelo seu efeito espetacular, mas o “como”, nas causas e efeitos, é, em certa medida, questionado, nomeadamente por Jay Ruby, antropólogo que, no entanto, tem insistido na validade etnográfica, “apesar de tudo”, do cinema de Flaherty.

Duas “cabeças falantes” particularmente interessantes a este nível – muito mais do que meras curiosidades, a meu ver – dão conta da complexidade do debate em torno do método e resultados de Flaherty. Mac Dara localiza e chega à fala com Martha Flaherty, neta de Maggie Nujarluktuk, que interpreta a mulher de Nanook no filme de Flaherty. Esta inuíte de cabelos ruivos diz-se crente no que Flaherty, o avô que nunca conheceu, filmou no norte gelado: “Ele filmou as dificuldades da vida no Ártico. (...) Fez com que o mundo compreendesse os inuítes. Como vivemos e sobrevivemos.” Um dos filmes mais amados do seu tempo, **Nanook of the North** tem sido alvo de várias críticas, propiciadoras de uma certa desconfiança sobre, se não as intenções de Flaherty, pelo menos sobre o efeito do seu retrato “distorcido” do povo inuíte (ataca-se, por exemplo, a suave representação do papel das mulheres ou a imposição de uma “monogamia” postíca à família inuíte, quando tradicionalmente cada homem desposava várias mulheres) ou por não encarar – e, nesse sentido, por elidir? – a dimensão nefasta da colonização branca (Nanook usa um arpão quando, à época, já conhecia e sabia manejar a arma de fogo), encapsulando uma visão nostálgica sobre uma certa pureza pré-moderna ou “primitiva”.

A crítica é sensivelmente outra em **Man of Aran**: a base documental é ainda mais rica aqui, visto **A Boatload of Wild Irishmen** resultar da associação do irlandês Mac Dara, produtor, realizador e investigador que se tem especializado na divulgação da cultura e língua gaélicas, com o recentemente falecido Brian Winston, importante estudioso do movimento documental britânico que assina o argumento deste filme. A vida de Aran não seria tão dura quanto isso. E a ânsia em tematizar a luta pela sobrevivência, depois do sucesso de **Nanook of the North** e o insucesso de **Moana** (1926) – filme não sobre o conflito com a Natureza ou a luta pela sobrevivência, mas acerca da celebração de um quotidiano levado sem grandes dificuldades, uma vida em que o conflito tem de ser induzido através do ritual da tatuagem –, acabou por redundar numa sobredramatização do dia-a-dia de uma família cuidadosamente “composta” por não-atores, escolhidos a dedo e sem qualquer relação entre si “na vida real”. Outra crítica levantada aqui diz respeito ao papel não devidamente valorizado do assistente Pat Mullen na produção do filme, pois foi ele a “tornar a visão de Flaherty possível”.

O documentário enaltece a coragem destes homens que manobraram os barcos, mas também se interroga sobre o modo como Pat Mullen foi “usado” por Flaherty, tirando partido tanto do respeito por ele acumulado na região como da sua ótima capacidade de comunicação – foi Mullen, e uma pequena quantia de dinheiro, a convencer os pescadores a porem a sua vida em risco durante a pesca do grande tubarão. O “man of

Aran” propriamente dito não se mostra grato a Flaherty pela experiência ou pelo que adveio do sucesso do filme – que ganhou um prêmio importante no Festival de Veneza, a Mussolini Cup para Melhor Filme Estrangeiro. Resgatando imagens de Colman “Tiger” King, durante uma preciosa entrevista à televisão irlandesa, este documentário revela-nos um homem que, com algum azedume, se mostra algo arrependido de ter entrado no filme: “Para mim, não foi mais especial do que assentar redes de pesca. Não significou muito para mim.”

Enfim, **A Boatload of Wild Irishmen** vai até aonde pode ou consegue ir para resgatar a memória de Flaherty e do seu método, simultaneamente generoso (a dimensão colaborativa), exigente (os tais “riscos de morte”) e problemático (a criação de uma “crono-síntese”, para usar a expressão de Vincent Amiel e José Moure, em *Histoire Vagabonde du Cinéma*, entre o hoje e o outrora, que poderá ter precipitado uma leitura enviesada das culturas indígenas). Posto isto, Mac Dara dá-nos a comoção de Martha, a indiferença de Colman e ainda a candura de Joseph Boudreaux, o rapaz, hoje um idoso com uma memória vívida da rodagem de **Louisiana Story** (1948). Documento igualmente valioso é o testemunho prestado por Richard Leacock, no que terá sido um dos seus últimos registos audiovisuais, antes do seu desaparecimento em 2011. O antigo diretor de fotografia e produtor associado de Flaherty assiste a **Louisiana Story** e conta como montou a antológica sequência de abertura desta história mágica filmada nos pântanos do Louisiana. Leacock é um dos mais importantes herdeiros do cinema de Flaherty, tendo transmitido o espírito flahertiano à “escola” de pensamento e ação do *direct cinema*, de que foi um dos nomes mais importantes, ao lado de Robert Drew, dos irmãos Maysles, de D. A. Pennebaker e outros.

Foram as dificuldades que mais inspiraram Leacock no sentido de procurar libertar o documentarista de todo um conjunto de constrangimentos técnicos e se aventurar no real, apanhando a vida de improviso, não teatralizando ou encenando, pois este cinema seria, como um dia disse Drew, um “teatro sem atores”. Mas quem anda à chuva, molha-se, que é outra forma de dizer, sobre toda esta história, que não há métodos perfeitos, nem imunes à crítica, e ainda bem que assim é – contra o *direct cinema*, leia-se, por exemplo, a Declaração do Minnesota pronunciada por Werner Herzog. As críticas não nos devem desviar do essencial: a relevância de cada um destes avanços empreendidos no sentido de uma justa – mas não exclusiva ou exclusivista – representação do real. Até porque – como devíamos saber, se lemos André Bazin e se fomos alunos de José Manuel Costa – *não há realismo, mas realismos*.

Luís Mendonça